

Contribuição para uma abordagem pedagógica dos conectivos em português

JANETE DOS SANTOS BESSA NEVES
(PUC - Rio de Janeiro)

1. Introdução

O presente trabalho objetiva explicitar o estudo realizado sobre os conectivos subordinativos introdutores de oração, especialmente o *que e se a fim de dar conta da complexidade do sistema de conexão*.

Fizemos um levantamento das abordagens de diversos autores sobre conjunções subordinativas, conjunções coordenativas, conjunção *se* (integrante e condicional) e pronome relativo (enquanto conectivo). Nosso posicionamento não é radical no sentido de adotar exclusivamente esta ou aquela corrente, mas em tentar dar um enfoque coerente e crítico ao estudo realizado visando a uma abordagem pedagógica.

O trabalho conclui por mostrar que os conectivos subordinativos que introduzem orações, incluindo o pronome relativo, poderiam ser representados simbolicamente por *que*, pois a forma *qu* está presente nesses conectivos, sincrônica ou diacronicamente. Tecemos, também, comentários acerca de outros elementos que compõem o mesmo contexto lingüístico, também introdutores de orações, que conservaram valor semântico das classes das quais originaram e, por último, falamos do pronome relativo como conectivo.

2. Que, quando, como → qu

Ao verificarmos as listas de conectivos (subordinativos) que introduzem orações, nas gramáticas tradicionais ou detectados na linguagem coloquial, percebemos que a partícula *que* está sempre presente:

“que, porque, como, desde que, uma vez que, visto que, visto como, ainda que, posto que, se bem que, sem que, para que, a fim de que, à medida que, antes que, quando, depois que...” (Cf. Bechara, 1976).

Na relação acima não foram incluídas as chamadas “conjunções” *segundo* (conformativa) e *embora* (concessiva) pois aquela “é um exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção” (Said Ali, 1966: 220) e esta por ser “contração de “em boa hora”. Reminiscência dos tempos da astrologia” (Nascentes, 1966: 263).

Na verdade, temos quatro conjunções subordinativas, mesmo recorrendo às gramáticas tradicionais: *se*, *que*, *como* e *quando*. Nas duas últimas verificamos:

como: “Do latim vulgar quomo, forma apocada de quomodo” (Nascentes, 1966: 191). Apesar de não aparecer sob a forma *qu*, sincronicamente, teríamos um alomorfe de *qu* em *co*.

quando: *qu* aparece mesmo numa perspectiva sincrônica.

Assim as três (*que*, *como*, *quando*) são fonologicamente marcadas por *qu*.

Para analisarmos as três conjunções, adotaremos o designativo “**complementizador**” para a conjunção integrante e as outras duas serão chamadas como, tradicionalmente, **conjunções subordinativas**. Assim, temos:

que: conectivo subordinativo e complementizador (enquanto conjunção integrante).

como: conectivo subordinativo, mas não considerado complementizador porque (comparativo, causal ou conformativo) não tem a função de introduzir uma oração subordinada tradicionalmente chamada de substantiva e sim expressar uma circunstância da oração subordinada em relação à principal.

quando: conectivo subordinativo, mas que também expressa circunstância da oração subordinada em relação à principal. Não o consideraremos, portanto, um complementizador.

Em grande escala o que temos nas listas das conjunções subordinativas, são, na verdade, locuções conjuntivas ou locuções conjuncionais. É “processo criador de novas conjunções”. (Said Ali, 1966: 222).

As conjunções subordinativas compreendem dois grupos: as **integrantes** e as **adverbiais**.

As integrantes são *que* e *se*. As demais, adverbiais.

No “corpus”, temos:

(1) Soube **que** houve aula.

↘
conjunção integrante = complementizador

(2) Não soube **que** houve aula.

↘
conjunção integrante = complementizador

Observação:

O elemento negativo (**Não**) acrescido ao segundo exemplo não modificou a análise da oração subordinada e o **que**, nos dois casos, é um complementizador.

(3) Não soube **se** houve aula.

↘
conjunção integrante = complementizador

Nos dois últimos exemplos a análise da oração subordinada não se modificou.

Que e se têm o mesmo valor: introduzir orações subordinadas substantivas.

Assim, ao analisarmos a última conjunção considerada (**se**), daríamos o mesmo tratamento dado ao **que**, em função do seu valor de também introduzir orações subordinadas substantivas.

Voltaremos no item 2 a uma análise mais ampla do **se** (considerando-o como condicional), como está exemplificado em:

(4) O presente será entregue **se** ela vier.

Chegamos a mostrar, portanto, porque os três conectivos subordinativos (**que, quando, como**) podem ser representados simbolicamente por **que**, pois numa análise das formas, também diacrônica, são marcadas fonologicamente por **qu**. A possibilidade de criação de novas conjunções favorecida pelo “amplo emprego do **que**, simples, ou combinado com preposições e com locuções de caráter adverbial...” (Said Ali, 1966: 220), dá-nos, ainda, a certeza de poder simbolizar também com o **que** as outras conjunções.

3. SE-integrante e SE-condicional

Como já falamos em (3) temos um **se** complementizador, pois introduz oração subordinada substantiva. O mesmo não ocorre em:

(4) O presente será entregue se ela vier.

↘
conjunção condicional

Não temos, neste caso, um complementizador: o *se* introduz uma circunstância (condição) da oração subordinada “se ela vier” em relação à oração matriz (principal) “o presente será entregue”.

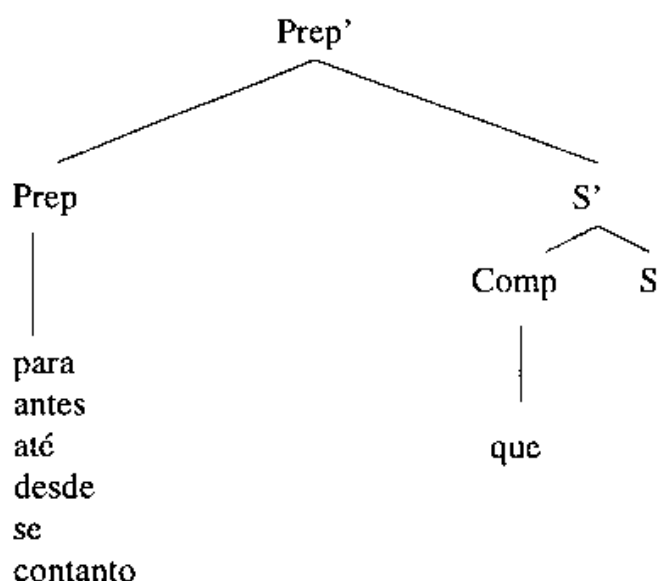
Miriam Lemle (1984) dá um tratamento diferente ao *se* \bar{A} condicional:

“Em exemplos do tipo 150, parece-me apropriado considerar o *se* uma preposição com complemento sentencial:

150. O Luisinho acorda se você liga o aspirador.” (Lemle, 1984: 100)

Mais adiante Miriam Lemle (1984) justifica seu posicionamento:

“Numa gramática que assume R_{10} , essas “conjunções ou locuções conjuntivas” seriam analisadas segundo o esquema 279”, ou seja, como sintagmas preposicionais, nos quais a preposição rege sentença.



A assim chamada conjunção *porque* pode ser descrita dentro do esquema 279', e, nesse caso, ela virá analisada como constituída da preposição *por* a reger uma sentença subordinada introduzida pelo complementizador *que*. A aglutinação, talvez mesmo apenas ortográfica, restaria como o único dado a explicar.

O esquema 279' provê uma análise satisfatória para as chamadas conjunções subordinadas *se*, *embora*, *enquanto* e outras, incluindo-nas na lista das preposições completadas por sentença”. (Lemle, 1984, p. 164-165).

José Reis Pereira, no artigo “Conectivos sintáticos do português: uma classe de palavras”, dá tratamento também especial às conjunções subordinativas. Mostra que todas “desaparecem em virtude de conceber-se o *que* como parte integrante do verbo”, existindo um amálgama (como acontece com a preposição *a* e o artigo *a* ou *tempo* e *modo* verbais só se apresentam amalgamados). Assim, para ele é “legítimo supor um amálgama entre uma unidade de caráter prepositivo com idéia de “concessão” e o elemento *que*, na palavra *embora* (em *apesar de que* elementos equivalentes encontram-se não amalgamados). A mesma coisa pode-se dizer com relação às demais conjunções simples.” E a seguir complementa: “O resultado final é a não distinção entre preposição e conjunção. Falando mais claramente, a conjunção não existe, sendo reduzidas as palavras assim chamadas à combinação, meramente mórfica, “preposição + que”, entendendo-se este *que* como elemento mórfico do verbo subordinado.”

Os dois tratamentos seguem coerentemente suas propostas. Lemle, por ser gerativista, mostra que o *que* existe, no caso do *se* — condicional, é uma preposição com complemento sentencial e há um **Comp** (complementizador) mesmo não aparecendo na estrutura superficial. José Reis Pereira, através de uma proposta à luz da Teoria de Autonomia Sintática, de Martinet, mostra a possibilidade de amálgamas dentro de um sintagma, só que a transferência para “preposição + que” desse amálgama se faz através de uma combinação mórfica e o *que* é um elemento mórfico do verbo da oração subordinada.

Parece-nos muito convincente a proposta de Miriam Lemle (1984) e acrescentaria que os complementizadores *que* e *se* marcam a distinção também entre orações com formas finitas e infinitivas. A presença do complementizador assinala que o verbo da oração encaixada virá numa forma finita e sua ausência caracteriza uma oração com verbo no infinitivo.

4. Análise de *todavia*, *contudo*, *no entretanto*

Há elementos que normalmente são chamados de conjunções pois sua origem corresponde a classes diferentes e conservam assim o mesmo valor semântico.

Lemle (1984) faz uma distinção interessante entre as tradicionalmente chamadas conjunções: designa de complementizadores as conjunções subordinativas integrantes e simplesmente de conjunções, as coordenativas. Considera como conjunções apenas: *e*, *mas*, *porém*, *ou*, *pois*. Mostra que o papel sintático das conjunções coordenativas é o de colocar as duas sentenças por elas ligadas em posições paralelas na estrutura sintática e semanticamente são quatro as relações lógicas possíveis entre duas sentenças: **união** (*e*), **disjunção** (*ou*), **oposição** (*mas*) e **implicação** (*pois*).

Em relação, entretanto, a *todavia*, *contudo*, *no entanto* dá outro tratamento:

todavia — advérbio sentencial;

contudo — advérbio sentencial, historicamente proveniente de um sintagma preposicional com contração de seus constituintes elementares;

no entanto — sintagma preposicional com a preposição *em* por núcleo.

As relações lógicas citadas acima para as conjunções — **união**, **disjunção**, **oposição** ou **implicação** — podem ser explicitadas por expressões lingüísticas de várias outras classes e, pelo fato de terem o mesmo valor semântico, não devem ser também designadas “conjunções”. Podem equivaler a conjunções, mas não são conjunções.

Mira Mateus (1983) dá, no entanto, outro tratamento para elementos como *todavia*, *contudo*, *portanto* divergindo do que foi mostrado em Lemle. Conceitua coordenação como estruturas em que nenhum dos constituintes depende sintaticamente do outro e que o nexos semântico entre eles pode ser de **conjunção** (através dos conectores *e*, *nem*, *não só... mas também*); **disjunção** (os alternativos: *ou... ou*, *quer... quer*, *seja... seja*, *ora... ora*; **contração** (*mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*); e **condição-consequência** (através dos conectores: *e*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por consequência*, *por isso*, ...). Assim admite esses elementos como conectores de estruturas de coordenação, diversificando da posição de Miriam Lemle e da nossa de que há valores semânticos também implícitos nesses elementos (**união**, **disjunção**, **oposição**, **implicação**) mas que dependendo do contexto serão designados de outra forma, tal como um sintagma preposicional, sintagma adverbial, mas não como conjunção.

5. Pronome relativo

A análise de pronome relativo é a que mais se diversifica dentre os conectivos subordinativos.

Mattoso Câmara faz distinção entre os conectivos, designando-os de morfemas gramaticais, e os pronomes relativos que desempenham na oração um papel que caberia a um nome ou pronome. Para ele tanto as conjunções subordinativas quanto os pronomes relativos são conectivos subordinativos oracionais (Mattoso Câmara, 1970: 70).

Para José Reis Pereira não há pronome relativo em função de conectivo. Considera, assim como as conjunções subordinativas, que os relativos estejam também amalgamados a outros termos na oração.

Miriam Lemle aponta uma classe de antecessores para os pronomes relativos e para a expressão inglesa “wh-word” — palavra-**Qu** — e os define como “antecedentes de uma posição vazia na oração, ou seja, uma posição preenchida por vestígio”. (Lemle, 1984: 100-101).

Nossa posição é a de encarar o pronome relativo também como um **Comp** (complementizador) ao lado do *que* e *se* (enquanto “conjunções integrantes”) e, ainda, como os outros conectivos subordinativos introdutórios de orações, ser representado simbolicamente por *que*, já que também tem sincronicamente em sua forma *qu*.

6. Conclusão

Ao concluirmos, deixaríamos então registradas as idéias básicas efetivadas no decorrer do trabalho:

- podemos simbolizar os conectivos introdutórios de orações, incluindo o pronome relativo, por *que*. Mostramos que a forma *qu* está presente tanto sincrônica (*que*, *quando*) quanto diacronicamente (*como*);
- temos, na verdade, ao analisarmos as listas de conjunções subordinativas, quatro conjunções: *que*, *se*, *como*, *quando*, pois todas as outras são combinações (formando as locuções conjuntivas) de **preposição** ou **advérbio** + *que*, ratificando a possibilidade de simbolização dos conectivos subordinados por *que*;
- encontramos nas locuções conjuntivas um processo criador de novas conjunções, favorecido pelo *que*;
- consideramos o *que*, o *se* e o **pronome relativo** como complementizadores, pois introduzem orações subordinadas substantivas e adjetivas e distinguem orações com formas finitas de orações com formas infinitivas. As demais conjunções teriam tratamento diferente: normalmente constituem um sintagma preposicional, com a preposição aparecendo ou não na estrutura superficial;
- adotamos a posição das Profas. Miriam Lemle e Maria Helena Mira Mateus no tocante a palavras como *todavia*, *contudo*, *no entanto*. Mira Mateus considera essas palavras como conectores de estruturas de coordenação, e Lemle mostra que tais palavras, apesar de possuírem valores semânticos semelhantes, não podem ser consideradas conjunções;
- confrontamos, por último, diversos autores quanto à análise do pronome relativo como conectivo e concluimos que o consideramos um **Comp** ao lado do *que* e *se*, podendo ser também representado simbolicamente por *que*.

E, para encerrar cito Campos (1997: 82): “O trabalho de investigação em linguística deve, como nas outras ciências, ser objecto de discussão e posterior reformulação, em bases cada vez mais seguras”. E é também essa a nossa compreensão.

BIBLIOGRAFIA:

- BECHARA, E. (1976). *Moderna Gramática Portuguesa*. 21ª. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOS, M. H. C. (1997). *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- LEMLE, Miriam (1984). *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Editora Ática.
- MATEUS, M. H. M. et alii (1983). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- NASCENTES, Antenor (1966). *Dicionário Etimológico Resumido*. Instituto Nacional do Livro, MEC.
- PEREIRA, J. R. *Conectivos sintáticos do português: uma classe de palavras*. In: *Linguagens/PUC-RJ*, vol. I, nº. 1, Rio de Janeiro: PUC-RJ.
- SAID ALI, M. (1966). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6ª. Edição, São Paulo: Edições Melhoramentos.